

## **A LITERATURA INFANTIL DE RUTH ROCHA E OS DIREITOS DA CRIANÇA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA CIDADANIA**

Ana Claudia dos Santos Garcia<sup>1</sup>  
ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula<sup>2</sup>

---

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo geral analisar como os livros de literatura infantil de Ruth Rocha abordam a questão dos direitos fundamentais da criança presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente. Como objetivos específicos, buscou-se identificar os livros de literatura infantil da escritora que tratam dos direitos fundamentais da criança, averiguar como estes direitos são discutidos nestes livros e investigar, a partir dos livros de Ruth Rocha, as contribuições da literatura infantil para o reconhecimento dos direitos das crianças. Para tanto, o caminho metodológico percorrido para desenvolver este trabalho foi a realização de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Como resultados, constata-se que a autora busca trazer em suas histórias discussões sobre temas atuais, a fim de formar um leitor crítico que saiba agir sobre a sociedade em que está inserido. Sendo assim, seus livros contribuem para o reconhecimento do direito das crianças, pois estes são abordados em suas histórias de forma lúdica, o que torna o entendimento desta temática mais fácil para as crianças.

Palavras-chave: Educação. Literatura Infantil. Direitos. Criança.

---

### **ABSTRACT**

The article has for objective to analyze how Ruth Rocha's children's literature books deal with the issue of the fundamental rights of children present in the Statute of Children and Adolescents. As a specific objective, we sought to identify Ruth Rocha's children's literature books what's deal with the fundamental rights of the child; to find out how these rights are discussed in these books and to investigate the contributions of children's literature to the recognition of children's rights, in Ruth Rocha's books. For this, the methodological path taken for this work was the development of a qualitative bibliographical research. As results, it is verified that the author seeks to bring in her stories discussions on current themes, in order to form a critical reader who knows how to act on the society in which it is inserted. Thus, her books contribute to the recognition of the right of children, as these are approached in their stories in a playful way, which makes the understanding of this theme easier for children.

Key words: Education. Children's Literature. Rights. Children.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: anagarcia199794@gmail.com

<sup>2</sup> Professora adjunta da Universidade Estadual de Maringá (UEM) do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP) e do Programa de Pós Graduação em Educação da UEM. E-mail: erciliaangeli@yahoo.com.br

*Embora eu não seja rei, decreto, neste país,  
Que toda, toda criança tem direito a ser feliz!*  
Ruth Rocha

## 1 Introdução

A literatura infantil exerce grande importância na formação das crianças, principalmente quando trabalhada desde seus primeiros anos de vida. As produções literárias enfocam diferentes finalidades, dentre elas podemos encontrar o trabalho com o lúdico, com a formação das crianças para o gosto pela leitura e a função educativa.

As produções literárias apresentam diferentes objetivos, de formação humana, de entretenimento, de promoção do desenvolvimento humano, da criatividade e também possuem caráter educativo. Os livros trazem diferentes mensagens e/ou ensinamentos que são compartilhados com os leitores. Caldin (2003) em sua publicação “A função social da leitura da literatura infantil” discute questões relacionadas ao papel que a literatura infantil representa para as pessoas, principalmente para as crianças. Sobre isso, a autora argumenta que:

[...] na atualidade, o livro infantil apresenta a realidade – os problemas sociais, políticos e econômicos. Ao assim fazer, não foge do lúdico, pois continua a transmitir emoções, a despertar curiosidade e a produzir novas experiências. Por outro lado, desempenha uma importante função social que é fazer com que a criança perceba intensamente a realidade que a cerca (CALDIN, 2003, p.51).

Com isto, é possível observar que as histórias infantis, além de trabalharem com o imaginário, também trazem contos que retratam a realidade da sociedade em que as crianças estão inseridas. Ainda de acordo com Caldin (2003, p.51):

A função social da literatura é facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se - dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo.

Diante desta breve apresentação a respeito do papel da literatura infantil e seu uso como um importante instrumento formador e transmissor de informações,

surgiu o interesse em pesquisar sobre questões que abarcam as produções literárias destinadas ao universo infantil. Tal interesse está em analisar como os direitos fundamentais das crianças, presentes Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), são apresentados e discutidos nas histórias infantis, especificamente nos livros escritos por Ruth Rocha.

Porque a escolha das análises nos livros de Ruth Rocha? A escolha dessa autora ocorreu por ela ter influência expressiva no campo da literatura infantil brasileira e receber destaques nesta área. Seus livros trazem significativas contribuições e auxiliam na formação de seus leitores, pois suas histórias trazem discussões de temas sociais:

No contexto da literatura infantil e juvenil brasileira, Ruth Rocha destaca-se pela abordagem de temas sociais, relativizando as verdades absolutas, questionando o conformismo e a obediência a ideais consagrados pelo poder (SILVA et al, 2012, p. 41).

Diante disto, percebe-se que a autora se preocupa com a mensagem que a história de seus livros transmitem, as discussões, reflexões e ensinamentos que podem gerar. Seus livros saem do habitual, do que já estamos acostumados, porém, sem deixar de lado o lúdico, o lado infantil do livro. De acordo com Heck e Nath-Braga (2010, s/p) sobre a literatura de Ruth Rocha:

São nas histórias infantis que falam sobre reis, que a autora, de uma maneira metafórica discute os problemas que envolvem governo e povo. Embora, essas obras destinem-se ao público infantil, exploram a criticidade, realizando uma espécie de denúncia e protesto em relação à sociedade de forma geral.

Ruth Rocha procura inserir as crianças nestas questões para que assim possam formar a criticidade, possam se sentir cidadãos que, apesar da pequenez, têm capacidade de pensar e agir sobre a sociedade em que estão inseridos. Por muito tempo as crianças foram tidas como sujeitos sem vez na sociedade, não tinham seus direitos reconhecidos e não eram vistas como seres frágeis e vulneráveis que necessitavam de cuidados diferenciados. Porém, felizmente, essa visão com o passar dos séculos foi se modificando, o sentimento de infância apareceu e a criança finalmente foi reconhecida como um sujeito que é diferente do

adulto e que precisa de atenção, cuidados especiais e que tem opiniões sobre o mundo.

Com essa maior preocupação, com o reconhecimento da infância e da criança como sujeito de direitos e deveres que também tem voz e vez na sociedade, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) foi elaborado.

Barroso e Müller (2013) discutem sobre os direitos das crianças e dos adolescentes e argumentam que a literatura infantil pode ser um importante instrumento para apresentar tal discussão. As autoras pontuam que se faz necessário uma maior discussão em relação aos direitos fundamentais da criança e do adolescente. Segundo Barroso e Müller (2013, p.4) “O ECA prevê políticas de atendimento e assistência e, inclui, também, medidas de proteção e socioeducativas.”.

A mudança de pensamento em relação à criança ocorreu significativamente com o passar dos séculos. Todavia, a discussão a respeito deste assunto ainda é incipiente para com aqueles aos quais são destinados tais direitos, que muitas vezes não os reconhecem.

Muitas crianças sofrem maus tratos, pois esse desconhecimento não é somente por parte das crianças, mas também dos adultos. Algumas vezes estes até conhecem, entretanto, negligenciam tais direitos e os infringem como se não existissem. É preciso entender que a garantia da efetivação dos direitos das crianças também é de nossa responsabilidade. Precisamos estar atentos e agir de maneira que isso seja realidade na vida deste grupo. De acordo com a Constituição Federal de 1998:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1998, p.1).

Sendo assim, a família, a sociedade e o Estado devem exercer esta responsabilidade que lhes é destinada por meio da Constituição Federal (BRASIL, 1998) e garantir que as crianças reconheçam seus direitos fundamentais, não agindo de maneira como se eles não existissem.

Paganini e Moro (2009), descrevem os direitos fundamentais como mecanismos para o pleno desenvolvimento de meninas e meninos. As autoras citadas salientam a importância de haver uma observação por parte das três instâncias, família, sociedade e Estado, sobre os princípios dos direitos da criança e do adolescente a fim de lhes permitirem desfrutar de seus sonhos, fantasias, brincadeiras e direitos. Paganini e Moro (2009, p. 6) destacam que:

Ora, sendo a criança e o adolescente sujeitos de sua própria história em processo de desenvolvimento, é de uma importância sem tamanho a efetiva aplicação de tais direitos como modo de fortalecer sua condição de cidadão na sociedade.

Entende-se assim que a efetivação dos direitos das crianças contribui significativamente na formação do indivíduo em sua condição de cidadão havendo a necessidade de que as crianças conheçam seus direitos desde cedo. Portanto, é preciso analisar e sistematizar como os direitos destes sujeitos lhes são apresentados e se é clara a mensagem sobre tal discussão com as crianças.

Diante do que foi exposto, a pergunta problema que orientou o desenvolver do presente trabalho foi: Como os livros de literatura infantil de Ruth Rocha abordam a questão dos direitos fundamentais das crianças presente no ECA?

Sendo assim, o objetivo geral traçado para desenvolver este artigo foi analisar como os livros de literatura infantil de Ruth Rocha abordam a questão dos direitos fundamentais da criança presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente. Como objetivos específicos, buscou-se: 1) identificar os livros de literatura infantil da escritora que tratam desses direitos fundamentais, 2) averiguar como estes direitos são discutidos nestes livros, e 3) investigar as contribuições da literatura infantil de Ruth Rocha para o reconhecimento dos direitos das crianças.

Tendo em vista os objetivos propostos para a realização desta pesquisa, optou-se por desenvolver uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, onde se realizou um levantamento bibliográfico nas bibliotecas municipais de Maringá, nos livros de literatura infantil de autoria de Ruth Rocha que se encaixam nos objetivos deste trabalho. Os livros foram selecionados seguindo os cinco passos de leitura sugeridos por Salvador (1986, s/p, apud LIMA; MIOTO, 2007, p.41) que são: Leitura de reconhecimento do material bibliográfico, leitura exploratória, leitura seletiva, leitura reflexiva ou crítica e leitura interpretativa.

A análise dos livros se deu mais profundamente calcada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977), seguindo os três passos sugeridos pela autora, que são: Pré-análise, Exploração do Material e Tratamento dos resultados: Interferência e Interpretação.

Sobre a Análise de Conteúdo, Bardin (2011, p. 47) salienta que é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Vale ressaltar que, tendo em vista o amplo número de publicações que Ruth Rocha possui, optou-se por buscar e selecionar um livro para cada direito fundamental. São eles: do direito à vida e à saúde; do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; do direito à convivência familiar e comunitária; do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; do direito à profissionalização e à proteção no trabalho. Deste modo, foi realizada a análise de cinco livros.

Para subsidiar as discussões, como referências teóricas utilizamos do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2016) e as autoras Barroso e Müller (2013) e Heck e Nath-Braga (2010).

Antes de seguir para as análises, acredita-se que seja importante apresentar como o artigo está estruturado. Para tanto, o presente trabalho está organizado em cinco sessões. Num primeiro momento explicitaremos os motivos que nos levaram a realizar esta pesquisa. Posteriormente, apresentaremos uma breve biografia sobre Ruth Rocha. Depois realizaremos as análises dos livros selecionados, seguindo das discussões acerca das contribuições da literatura infantil de Ruth Rocha para o reconhecimento dos direitos das crianças. E, para finalizar, apresentaremos as considerações finais.

## **2 Trilhando caminhos**

O interesse em pesquisar sobre esta temática desenvolveu-se ao longo da graduação a partir da trajetória e caminhos que percorri. Tudo começou no primeiro ano do curso, em 2015, quando conheci a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ercília Paula que realizou um convite para que eu participasse do projeto de extensão do qual é coordenadora:

“Artes, Brincadeira e Literatura: Educação Social em Saúde”.<sup>3</sup> De imediato, aceitei e este sim trouxe significativas contribuições para minha formação, tanto pessoal quanto profissional.

Como é possível perceber pelo nome do projeto, as atividades desenvolvidas referem-se à brincadeiras, atividades artísticas e à literatura infantil. Porém, as atividades que mais me marcaram foram às relacionadas à literatura infantil. Fazíamos desde uma simples leitura de algum livro, até uma contação de história mais elaborada com o uso de fantasias ou materiais que ajudem a visualizar a história.

Recordo-me de um dia em especial que trabalhamos com as crianças e seus familiares sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA (BRASIL,1990). Apresentamos os direitos e muitos eram desconhecidos por eles. Como resultado desta ação, confeccionamos um livro com as crianças, adolescentes, jovens e seus familiares. O livro foi construído coletivamente e ficou disponível no Hemocentro para quem o quisesse consultar.

Ainda neste projeto, tive a chance de conhecer a mãe de uma criança que realiza tratamento no Hemocentro e tem hemofilia. Esta mãe sempre me chamou muito a atenção e me causa admiração por sua militância e preocupação em procurar saber quais são os direitos do filho e a busca por efetivá-los no dia a dia, pois, por conta da patologia e por erros médicos, pois muitos médicos não sabiam como tratá-lo e qual era a sua patologia, o menino apresenta algumas limitações físicas.

A partir das vivências neste projeto, tive também a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica (PIBIC), onde realizei as seguintes pesquisas: “*A presença da Pedagogia Social e da Educação Social no Programa Mais Educação*” (GARCIA, SILVA, PAULA, 2016); “*As produções literárias para crianças em tratamento de saúde e a Educação Social*” (GARCIA, PAULA, 2017); e “*As dificuldades de escolarização de crianças com doenças crônicas*” (GARCIA, PAULA, 2018).

Neste trabalho de conclusão de curso sigo essa mesma linha na qual buscamos relacionar a literatura infantil às necessidades das crianças, pois

---

<sup>3</sup> O referido projeto ocorre no Hemocentro Regional de Maringá, tendo como público alvo as crianças que fazem acompanhamento ou se encontram no local no momento das ações do projeto. Essas crianças geralmente são acometidas por doenças como a hemofilia, talassemia, anemia, etc.

acreditamos que esta apresenta diversas contribuições para elas, dentre elas a função educativa, a qual permite ampliar os conhecimentos das crianças no que se refere aos direitos, se reconhecerem como sujeitos de direitos que também têm voz e vez na sociedade.

A partir disto, pretendemos com esta pesquisa sistematizar as produções literárias de Ruth Rocha que discutem essa questão e apresentar seus resultados para que mais pessoas tenham acesso a essas informações e fomentem discussões para trazer maior visibilidade acerca das produções literárias e seu papel formador na criança, enquanto recurso pedagógico e brinquedo infantil.

A literatura de Ruth Rocha é composta por obras de grande visibilidade em nosso país. A autora tem seu trabalho reconhecido em suas produções, portanto estamos falando de livros que circulam em diversos locais, acessíveis a inúmeras pessoas, tendo um público alvo extenso. Podemos encontrar discussões sobre diversos temas em suas histórias. Entretanto, será que estão discutidos os direitos fundamentais da criança? Será que suas obras contribuem para a propagação de tais direitos?

A relevância de sua obra também se encontra em ser uma pesquisa da área da educação, mais especificamente da Pedagogia, pois também se fazem necessárias discussões sobre essa temática em nossa área já que são formados profissionais que lidam diretamente com as crianças. Quando pesquisado, são mínimos os resultados encontrados sobre esta temática com trabalhos produzidos por profissionais da área da educação relacionados com os Direitos da Criança e do Adolescente o que revela a escassez e a falta do olhar pedagógico sobre este assunto.

### **3 Ruth Rocha: Conhecendo sua história**

De acordo com o site oficial da escritora<sup>4</sup>, Ruth Machado Lousada Rocha é uma escritora brasileira de livros infantis, filha de Esther de Sampaio Machado e Álvaro de Faria Machado, nascida em São Paulo em 2 (dois) de março de 1931, sendo a segunda filha dentre os quatro filhos do casal.

---

<sup>4</sup> SITE RUTH ROCHA. Biografia. Disponível em: <<http://www.ruthrocha.com.br/biografia>> Acesso em: 14 set. 2018.

A escritora ouviu de sua mãe as primeiras histórias, sendo a maioria delas sobre os casos da família. Posteriormente, recebeu também influência de seu avô loiô que lhe contava os clássicos contos dos irmãos Grimm e que os adaptava oralmente à cultura popular brasileira. Entretanto, sua maior inspiração e o despertar para o gosto pela leitura vieram dos livros de Monteiro Lobato.

Formou-se em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde foi aluna do historiador Sergio Buarque de Holanda. Aí também conheceu seu marido Eduardo Rocha, com quem teve uma filha, Mariana, a qual foi sua inspiração para seus primeiros escritos.

Ainda sobre a história de Ruth Rocha, de acordo com seu site oficial:

Entre 1957 e 1972 foi orientadora educacional do Colégio Rio Branco. Nessa época começou a escrever sobre educação para a revista *Cláudia*. Sua visão moderna sobre o tema, bem como o estilo claro e próprio, chamaram a atenção de uma amiga, Sonia Robato, que dirigia a *Recreio*, revista voltada para o público infantil. Certo dia, Sonia fez um convite-desafio para Ruth: em tom de brincadeira, trancou a amiga numa sala, dizendo que só saísse de lá com uma história pronta. Assim nasceu *Romeu e Julieta*, a primeira de uma série de narrativas originais e divertidas, todas publicadas na *Recreio*, que mais tarde Ruth veio a dirigir (Site oficial Ruth Rocha, 2015).

Após este período, trabalhou na editora Abril como editora e, mais tarde, como coordenadora do departamento de publicações infanto-juvenis.

*Palavras, muitas palavras*, seu primeiro livro, saiu em 1976. Seu estilo direto, gracioso e coloquial, altamente expressivo e muito libertador, ajudou — juntamente com o trabalho de outros autores — a mudar para sempre a cara da literatura escrita para crianças no Brasil. Agora, os pequenos leitores eram tratados com respeito e inteligência, sem lições de moral nem chatices de qualquer espécie, numa relação de igual para igual, e nunca de cima para baixo. Além disso, em plena ditadura militar, a obra de Ruth ousava respirar liberdade e encorajava o leitor a enxergar a realidade, sem abrir mão da fantasia (Site Oficial Ruth Rocha, 2015).

Depois do primeiro livro “Palavras, muitas palavras” (ROCHA, 1976), Ruth Rocha publicou mais de 200 títulos, com traduções para vinte e cinco idiomas.

Ao longo de sua trajetória, recebeu prêmios da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além do prêmio Santista, da Fundação Bunge, o prêmio de Cultura da

Fundação Conrad Wessel, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural e oito prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira de Letras.

Apostando todas as fichas na irreverência, na independência, na poesia e no bom humor, seus textos fazem com que as crianças questionem o mundo e a si mesmas e ensinam os adultos a ouvirem o que elas dizem ou estão tentando dizer. No fundo, o que seus livros revelam é o profundo respeito e o infinito amor de Ruth Rocha pela infância, isto é, pela vida em seu estado mais latente. Pois, como ela mesma diz num de seus belos poemas, “toda criança do mundo mora no meu coração” (Site Oficial Ruth Rocha, 2015).

Atualmente, Ruth Rocha continua a ser um grande nome na literatura infantil brasileira, tendo livros de grande destaque nesta área.

#### **4 Quais são os livros?**

Para a realização das análises que nos propomos realizar dos livros de literatura infantil da autora Ruth Rocha, que abordam as questões relacionadas à temática estudada, foram selecionados cinco, sendo eles: *A família do Marcelo* (ROCHA, 2012); *O menino que quase morreu afogado no lixo* (ROCHA, 2015); *O menino que aprendeu a ver* (ROCHA, 2013); *O coelhinho que não era de páscoa* (ROCHA, 2009); e *No caminho de Alvinho tinha uma pedra* (ROCHA, 1993).

A seguir, daremos início às análises.

#### **4.1 As discussões...**

##### **4.1.1 Primeiro livro: “A família do Marcelo” (ROCHA, 2012).**

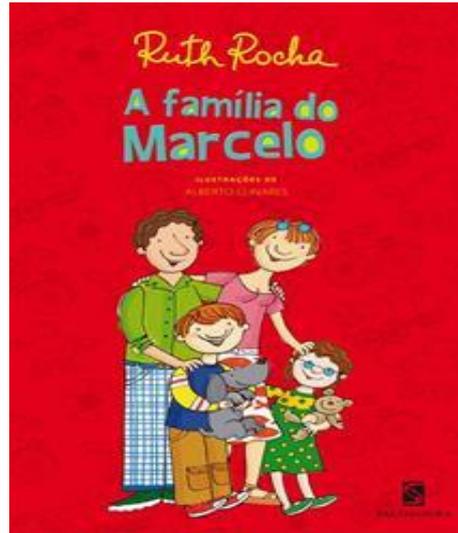


Figura 1 – A família do Marcelo - Capa

De acordo com a sinopse do livro:

Você já conhece a turma do Marcelo. São crianças simpáticas e espertas, parecidas com você e seus amigos. Também conhece seu João, dona Laura e a Aninha, que formam a família do Marcelo. Neste livro você vai conhecer outros parentes do Marcelo, além de descobrir quantos tipos diferentes de família existem por aí. E, no final, vai se divertir com as brincadeiras preparadas especialmente para você.

Nesta história, Ruth Rocha apresenta, ao longo do livro, as diferentes formas de família, sendo abordada não apenas as famílias que são compostas por pai, mãe e filhos, mas, também aquelas que se constituem por avós e netos; mãe, padrasto e filho/enteado; mãe e filhos, etc.

A autora utiliza de uma linguagem simples, de fácil entendimento e escreve a história de forma graciosa, sem muitos rodeios. *A família do Marcelo* (ROCHA, 2012) começa com o personagem apresentando sua família e quem dela faz parte. Nas páginas seguintes, o personagem narra e argumenta que, apesar de sua família ser composta por um pai, mãe e uma irmã, nem todas seguem esse modelo.

Cada família é de um jeito. Às vezes, um casal se separa, às vezes, um dos pais morre, às vezes, o avô ou a avó mora junto com os filhos; tem gente que tem muitos filhos, como a família do Catapimba; os pais dele têm três filhos. Tem gente que tem um filho só, ou tem dois (ROCHA, 2012, p. 10).

Ao longo da história, Marcelo apresenta a família de Catapimba, como exposta anteriormente, de Caloca que tem os pais separados e mora com a mãe e com um primo e a de Teresinha que o pai faleceu quando ainda era pequenina e mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos. A história, além de relatar as diferentes formas de família, também apresenta a convivência que Marcelo tem com seus familiares e vizinhos que pode ser percebida por meio da narrativa e das imagens apresentadas no livro.

Neste livro de Ruth Rocha pode-se perceber a presença do direito a ter a convivência familiar e comunitária, presente no título II, capítulo III do ECA (BRASIL, 2016)

É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral (BRASIL, 2016, art. 19).

O direito acima citado, presente no ECA, é visivelmente percebido durante a leitura deste livro, pois todas as crianças presentes na história contam com o seio familiar, famílias estas formadas por diferentes membros.

As ilustrações também dizem muito do que a autora expressa. São ilustrações de famílias felizes da maneira como são compostas:

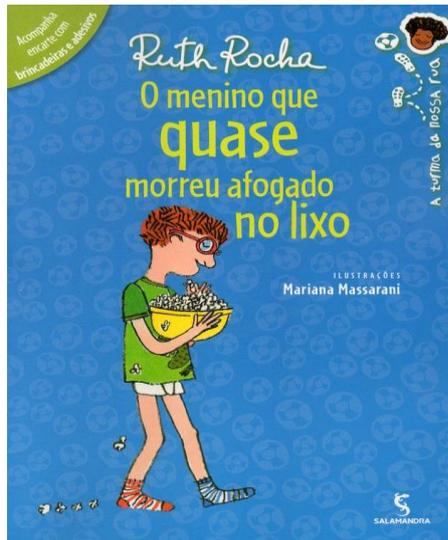


Figura 2 – A família do Marcelo – p. 11

A leitura de tal livro passa a mensagem, mesmo que indiretamente, do direito que a criança tem de ter e conviver com uma família, independente da maneira como é composta, tendo as ilustrações da história para ressaltar a alegria de conviver com os nossos.

A partir de sua leitura, a criança começa a compreender as diferentes formas de família e a se familiarizar com elas, reconhecendo-as como naturais, retirando o pensamento de que o único modelo de família é aquele que se adequa ao que se tem.

**4.1.2 Segundo livro: “O menino que quase morreu afogado no lixo” (ROCHA, 2015).**



**Figura 3 – O menino que quase morreu afogado no lixo - Capa**

De acordo com a sinopse do livro:

Waldisney era um menino normal, nem melhor nem pior que os outros. Mas tinha preguiça de jogar o lixo no lixo. Até que as coisas foram saindo do controle e...

Apesar de, num primeiro momento, não parecer que a história discuta a respeito de algum direito da criança presente no ECA (BRASIL, 2016), em seu desenrolar, pode-se perceber que ela traz, explicitamente, a questão do direito a liberdade, ao respeito e a dignidade, presente no título II, capítulo II quando argumenta que “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente,

pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

*O menino que quase morreu afogado no lixo* (ROCHA, 2015) relata a história de Waldisney, um garoto muito desorganizado. Os pais do menino foram viajar e o deixou sozinho, aos cuidados de Xuxa, a empregada da casa, e de sua avó. Waldisney não cuidava de nada, comia e deixava os restos de comida e as louças espalhados pela casa, assim como fazia com tudo que pegava. Não colocava nada no lugar. Só que com o passar dos dias a situação foi se agravando e o quarto do menino, onde mais ficava sujo, ficou empilhado de lixo. Ninguém entrava e nem saía, até mesmo Waldisney que chegou a ficar preso debaixo de tanto sujeira.

Xuxa percebeu que o menino não tinha aparecido naquele dia e foi até a porta do quarto, onde ouviu alguns barulhos. Preocupada, decidiu entrar no quarto para ver o que estava acontecendo, porém a porta estava travada. A empregada então foi pedir ajuda à família do menino. Os pais que estavam em viagem tentaram retornar no mesmo instante, porém não chegariam a tempo. Xuxa tentou ajuda com outras pessoas, com o zelador, com dona Mirtes, a avó do garoto, e até os bombeiros chamaram. Durante toda essa correria os pais de Waldisney chegaram, mas somente os bombeiros conseguiram entrar em seu quarto. Toda a vizinhança ficou comentando o caso e colocando a culpa em tudo que é gente. Entretanto, o menino reconheceu a culpa e disse que o único culpado de tudo aquilo era ele mesmo. Ao final da história, o protagonista decide mudar e colocou quatro latas de lixo em seu quarto, a fim de que não passe por essa situação novamente.



Figura 4 – O menino que quase morreu afogado no lixo – p. 36-37



A história relatada no livro diz respeito à vida do personagem chamado João. O menino vive um dilema: não compreende os símbolos e “desenhos” que vê em tudo que é lugar. Por ser muito curioso, vive a perguntar para sua mãe o que significam tais imagens, que na verdade são letras e números que João não conhece. A mãe do garoto decide então matriculá-lo em uma escola para que ele possa aprender sobre todos os símbolos que tem curiosidade.

No seu primeiro dia na escola a professora começa a ensinar sobre a letra A. A partir daí, João começa a enxergá-lo em todos os lugares, em jornais, nas embalagens, ônibus, comércios, etc. João fica encantado com as letras. Nos dias seguintes, a professora ensina também as demais letras e o garoto procura-as em todos os lugares e compreende que aquilo que antes não entendia o que era, são na verdade letras. Ao final o menino compreende que já sabe ler, ou melhor, como ele mesmo diz, já sabe ver.

Diante da história contada neste livro, compreende-se que, de maneira implícita, existe a presença de um direito fundamental apresentado no ECA. Este direito diz respeito ao art. 53 do Capítulo IV que dispõe sobre a educação.

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [...] (BRASIL, 2016).

A mensagem presente por detrás da frase “aprendeu a ver” nos traz a ideia de que a educação que João recebeu foi uma educação emancipadora, que o permitiu olhar novos horizontes, permitiu que ele observasse com outros olhos aquilo que antes ele via e acreditava serem apenas desenhos. E isso é representado por meio das letras que antes não eram entendidas, mas depois foram compreendidas, como podemos observar na imagem abaixo:

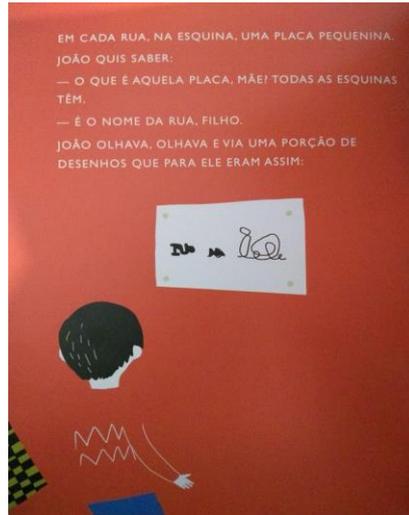


Figura 06 – O menino que aprendeu a ver – p.8

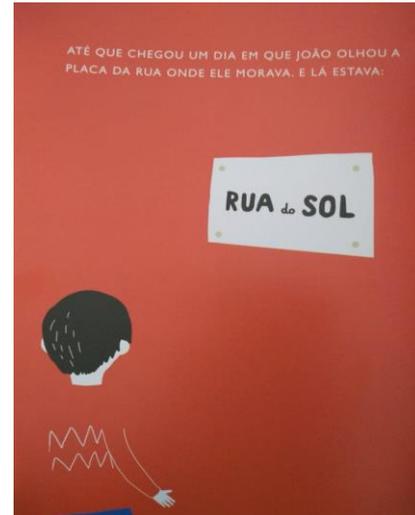


Figura 07- O menino que aprendeu a ver – p.32

Outro ponto que a história discute diz respeito à responsabilidade da mãe de João em dizer que o menino precisava ir para a escola e no dia seguinte ele já estar frequentando uma. Sobre essa questão, o ECA (BRASIL, 2016) expõe no art. 55 do cap. IV que “Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.”

Essa discussão presente na história faz com que percebamos a importância da educação e a entendamos como um direito fundamental, assim como expresso no ECA (BRASIL, 2016). Portanto, podemos perceber que o livro “*O menino que aprendeu a ver*” traz uma discussão acerca de um dos direitos fundamentais das crianças.

#### 4.1.4 Quarto livro: “O coelho que não era de páscoa” (ROCHA, 2009).



Figura 8 – O coelho que não era de páscoa – Capa

Segundo a sinopse do livro:

Vivinho é um coelho normal. Tem muitos irmãos e uma família legal. E o que ele vai ser quando crescer? Coelho de Páscoa, só pode ser! Mas Vivinho quer outra profissão. Será que os pais vão aceitar sua decisão?

Vivinho era um coelho e vivia com seus pais e seus irmãos. Quando questionados sobre qual a profissão queriam seguir, os irmãos logo respondiam que gostariam de ser coelhos de páscoa como toda a família. Porém, Vivinho não sabia o que queria ser, mas de uma coisa ele tinha certeza: não queria ser um coelho de páscoa. A família ficou escandalizada diante desta resposta, não sabiam o que imaginar de Vivinho, aonde o coelho chegaria com esse desejo inusitado.

O coelho dizia a seus pais que estava aprendendo uma profissão com os amigos, amigos esses que ele saía junto todos os dias, o beija-flor Florindo, a borboleta Julieta e Melinda a abelha.

O tempo foi passando e quando a páscoa estava próxima, os pais do coelho foram à procura de comprar ovos para distribuir. Entretanto, todos os locais já não tinham mais no estoque e os dois voltaram chateados para casa. Toda a família estava muito triste com a situação. Vivinho, então sugeriu para que eles mesmos fizessem seus ovos. A família respondeu que coelhos não sabem fazer ovos, só sabem distribuir. E foi neste momento que o Vivinho contou a profissão que ele estava aprendendo com seus amigos. Julieta e Florindo o ensinou a tirar o pólen das flores e Melinda a maior doceira o ensinou a fazer diversos doces.

A partir daí a casa virou uma fábrica e na páscoa todos estavam cheios de ovos para distribuir. Diante da situação os pais de Vivinho reconheceram que ele tinha uma profissão e que cada um deveria seguir sua vocação.

Essa história nos remete ao direito presente no capítulo V dos direitos fundamentais que dispõe sobre o “do direito à profissionalização e à proteção no trabalho” (BRASIL, 2016), porque nos mostra, por meio de Vivinho, que todos têm o direito a ter uma profissionalização. Mas, vejamos, no ECA, este direito está voltado para o adolescente, por razões óbvias de que uma criança não pode trabalhar, esta precisa aproveitar de sua infância e usufruir dos direitos voltados para este momento. Entretanto, acreditamos que seja de relevância discutir este direito para com as crianças a fim de que ela cresça ciente dos direitos que possui enquanto criança e adolescente.

Vivinho não quis seguir a profissão da família. Porém, ele teve o direito de ir buscar profissionalização em uma profissão que lhe era agradável, que o satisfazia. E, para isso, pôde contar com o auxílio de personagens que representam os profissionais capacitados para poder ofertar essa profissionalização.

O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:

I – respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;

II – **capacitação profissional adequada**<sup>5</sup> ao mercado de trabalho (BRASIL, 2016, art. 69).

Assim como nos outros livros, esta mensagem pode ser de difícil identificação para uma criança. Porém, quando essas discussões começam a se fazer presente na vida dos pequenos, estes têm a possibilidade de pensar sobre elas e refletir acerca dos seus direitos enquanto cidadãos.

#### 4.1.5 Quinto livro: “No caminho do Alvinho tinha uma pedra” (ROCHA, 1993).

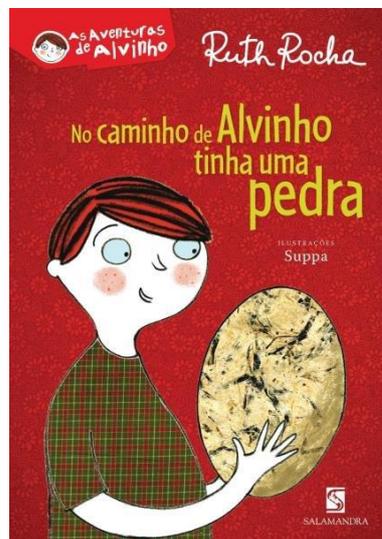


Figura 9 – No caminho de Alvinho tinha uma pedra - Capa

De acordo com a sinopse:

Alvinho é um menino parecido com muitos que você conhece: é curioso, adora bichos e gosta de colecionar coisas. Até aí tudo normal. Mas você não conhece o Alvinho, então não imagina o que ele é capaz de fazer para conseguir o que quer! Crianças gostam de

<sup>5</sup> Grifos nossos.

levar coisas para casa, e o Alvinho também. Mas aquela pedra que ele encontrou no meio do caminho estava mesmo pra lá de esquisita.

Alvinho gostava de levar para casa tudo que encontrava pela rua. Quem não gostava desse costume do menino era sua mãe, dona Branca, que jogava tudo fora. Certo dia, Alvinho encontrou algo diferente, parecia uma pedra. Para que sua mãe não a jogasse fora, ele decidiu esconder debaixo da cama e todos os dias olhava para ver se seu tesouro ainda estava lá. Até que um dia, o garoto começou a escutar uns barulhos diferentes vindo de baixo da cama. Quando ele olhou, descobriu que seu tesouro não era uma pedra, mas sim um ovo e estava nascendo um avestruz. O menino ficou muito feliz e todo dia alimentava o bichinho.

Dona Branca ficou desconfiada de que algo estava acontecendo no quarto, mas Alvinho não a deixava entrar. Ela decidiu então, chamar um chaveiro para abrir a porta e quando a porta se abriu, dona Branca levou um susto. O bichinho também se assustou e saiu correndo e comendo tudo que via pela frente. Os vizinhos, assustados, chamaram a polícia e o corpo de bombeiros.

Quando Alvinho chegou, ficou muito bravo por terem assustado o avestruz. Começou-se uma discussão para saber o que fazer com o animal, uns queriam comê-lo, fazer churrasco, outros queriam suas penas para fazer chapéu. Mas, acabou que o avestruz foi para um zoológico e todos os domingos o menino ia visitar a ave.

Fazendo uma analogia com essa história, podemos identificar presente em seu contexto, o direito à vida e à saúde, presente no capítulo I, título II do ECA.

O avestruz representa a vida de uma criança que encontrada abandonada, foi adotada e recebeu os cuidados necessários para sua sobrevivência.

A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência (BRASIL, 2016, art. 7).

Alguns queriam privá-la do direito à vida, representado pelo momento em que os vizinhos sugerem sacrificá-lo e usar suas penas para fazer chapéu. Porém, o direito a vida prevaleceu e o avestruz pôde continuar vivo e em um lugar muito melhor que garantiria seu pleno desenvolvimento e subsidiaria suas necessidades básicas, o zoológico.

## **5 A contribuição da literatura infantil de Ruth Rocha para o reconhecimento dos direitos das crianças**

Diante do exposto até o presente momento, pode-se perceber que a literatura infantil de Ruth Rocha tem suas particularidades. A autora explicita em seus livros temas da atualidade e que são de importância em nossa sociedade, gerando discussões relevantes, discussões essas que dificilmente seriam apresentadas para as crianças por um adulto e/ou por outra ferramenta pelo simples fato de serem crianças. Segundo Barroso e Müller (2013, p. 6):

Não só os contos tradicionais, mas também os outros gêneros literários são fundamentais para ampliar a cultura da leitura, fazendo com que a criança e o adolescente tenham mais subsídios para interferir na realidade. Dessa forma, tratamos não só de expandir a cultura da leitura e sim de dotar o sujeito leitor de argumentos, saberes e reflexões que o fortaleçam para influir no seu cotidiano, na sua comunidade e com seus pares, assumindo o papel protagonista de suas relações.

Gnisci e Costa (2017, p. 25295), corroboram com essa ideia e, sobre a literatura de Ruth Rocha, salientam que:

Assim como em suas histórias coloca os personagens diante de problemas que podem solucionar através das próprias ideias, espera que a criança se depare com problemas dos quais ela terá que lidar por conta própria. Além disso, em suas histórias a fantasia é utilizada de maneira alegórica, para aproximar a criança-leitora de sua realidade, fazendo-a refletir criticamente. E o mais importante: a narrativa aponta para o fato de "a união fazer a força", conforme o conhecido ditado popular, pois os pequeninos (ou oprimidos) quando unidos têm voz mais impactante que todos os grandalhões juntos. A fantasia torna-se então instrumento iluminador da realidade: ambas não estão separadas.

Desde o início de sua carreira, Ruth Rocha, busca trazer para o mundo infantil discussões atuais utilizando de metáforas, inserindo a criança nestas discussões, pois acredita que ela, como cidadã que tem o direito de participar da sociedade em que vive, deve compreender os acontecimentos vigentes. De acordo com Heck e Nath-Braga (2010, s/p) sobre a literatura de Ruth Rocha, as autoras relatam que

“Como suas obras são direcionadas a um público infantil, Ruth Rocha procura tratar de temas polêmicos de uma maneira natural”.

O contexto histórico que Ruth Rocha começou a escrever era de Ditadura Militar. Então, a autora utilizou de suas histórias, para, de maneira mascarada, fazer uma crítica ao governo. Esses livros, geralmente envolvem personagens principais na figura de reis. Alguns exemplos são os livros “O reizinho mandão” (ROCHA, 1978) e “O rei que não sabia de nada” (ROCHA, 1980).

Ruth Rocha também tem livros que tratam especificamente dos direitos humanos e dos direitos das crianças. São eles: “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (ROCHA; ROTH, 1986) e “Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha” (ROCHA, 2002).

Tendo em mente que são livros de literatura infantil, e a autora aborda questões como estas, pode-se dizer então, que Ruth Rocha quer escrever para oportunizar a formação de um leitor consciente, independente de sua pequenez. Quer oportunizar que o leitor reconheça seus direitos e pense sobre o contexto social em que vive. Segundo Riche (1985, p. 118):

Para Lobato, assim como para Ruth, a criança é um ser inteligente e capaz de optar. Em suas histórias, colocam problemas possíveis de acontecer na esfera do real permitindo à criança relacioná-los com o seu mundo. No entanto, utilizam a fantasia como instrumento iluminador da realidade: a fantasia e a realidade não são separadas. As coisas do dia-a-dia acontecem a partir da fantasia e vice-versa. A criança é capaz de discutir os problemas reais e, por ser criança, entenderá melhor através da fantasia, encarada como uma maneira de apresentar o real.

Sendo assim, seus livros discutem diversas temáticas, dentre elas podemos encontrar também a discussão sobre os direitos das crianças, como já apresentado no decorrer deste estudo. Isso se pode perceber ao entrar em seu site oficial <sup>6</sup>. Por meio dele é possível fazer uma busca em seu acervo de livros publicados, através de palavras-chave temas. As palavras que se pode encontrar e que se identificam com os direitos fundamentais são: Escola, Família, Nossos direitos, Brincadeiras, Folclore, Liberdade, Profissão, etc.

---

<sup>6</sup> SITE RUTH ROCHA. Biografia. Disponível em: <<http://www.ruthrocha.com.br/biografia>> Acesso em: 14 set. 2018.

Percebe-se, portanto, que o estilo de escrita e as histórias criadas por Ruth Rocha são importantes instrumentos para o reconhecimento, por parte das crianças, de seus direitos, visto que essa discussão dificilmente é apresentada a criança.

## 6 Considerações Finais

Este estudo discutiu a questão de como os direitos fundamentais das crianças, presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente são apresentados nos livros de literatura infantil de Ruth Rocha, escritora essa de grande visibilidade e valor literário. Dá-se aí a justificativa pela escolha dessa escritora.

Foram escolhidos e analisados um livro para cada direito fundamental, totalizando a análise de cinco livros. Um livro para o direito à família, um para o direito à dignidade, um para o direito à educação, um para o direito à profissionalização e um para o direito à vida. Os livros encontrados foram: *A família do Marcelo* (ROCHA, 2012); *O menino que quase morreu afogado no lixo* (ROCHA, 2015); *O menino que aprendeu a ver* (ROCHA, 2013); *O coelhinho que não era de páscoa* (ROCHA, 2009); e *No caminho de Alvinho tinha uma pedra* (ROCHA, 1993).

Verificou-se que esses direitos nem sempre aparecem de maneira explícita nos livros. Entretanto, sua presença pode ser percebida por entrelinhas. Esses direitos se fazem presente no decorrer das histórias e é uma discussão possível de ser realizada com a criança durante ou após a leitura do livro.

Constata-se que as obras de Ruth Rocha contribuem significativamente para o reconhecimento por parte das crianças de seus direitos, pois a autora traz essa temática em suas histórias de forma lúdica o que proporciona que a criança tenha contato com seus direitos e os compreenda, já que a linguagem utilizada não é de difícil compreensão. Essa forma de escrever da autora também desperta o interesse da criança em querer saber mais e refletir acerca das problemáticas apresentadas e que são esclarecidas na vivência com a realidade.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, M. M; MÜLLER, V. R. Estatuto da criança e do adolescente: outra leitura é possível. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2013, Maringá. **Anais...**, Maringá, 2013, p. 1-9. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2013/trabalhos/co\\_01/10.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_01/10.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da criança e do adolescente** [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 15. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série legislação; n. 260).

CALDIN, C. F. A função social da leitura da literatura infantil. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon**, Florianópolis, v. 1, n. 15, p. 47-58, jan./jun. 2003. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47/5235>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

GARCIA, A. C. S; PAULA, E. M. A. T. As dificuldades de escolarização de crianças com doenças crônicas. XXIII Semana de Pedagogia. 2018, Maringá, **Anais...** Maringá, 2018. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2018/trabalhos\\_1.html](http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2018/trabalhos_1.html)> Acesso em: 30 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. As produções literárias para crianças em tratamento de saúde e a educação social. XXVI Encontro anual de iniciação científica. 2017, Maringá, **Anais...** Maringá, 2017. Disponível em: <<http://www.eaic.uem.br/eaic2017/anais/artigos/2213.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018.

GARCIA, A. C. S; SILVA, L. T; PAULA, E. M. A. T. A presença da pedagogia social e da educação social no programa mais educação. XXV Encontro Anual de Iniciação Científica. 2016, Maringá, **Anais...** Maringá, 2016. Disponível em: <<http://www.eaic.uem.br/eaic2016/anais/artigos/1125.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018.

GNISCI, V. M. R; COSTA, A. V. F. Literatura e representações da escola nas obras de Ruth Rocha. Educere. XII., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2017. p. 25287 – 25296. Disponível em: <[educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27352\\_13704.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27352_13704.pdf)>.

HECK, D. M; NATH-BRAGA, M. A. Ruth Rocha: um viés crítico de escritura. In: Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem, II., 2010, Cascavel. **Anais...**, Cascavel, 2010, p. 1-10. Disponível em: <[www.academia.edu/5565704/RUTH\\_ROCHA\\_UM\\_VIÉS\\_CRÍTICO\\_DE\\_ESCRITURA](http://www.academia.edu/5565704/RUTH_ROCHA_UM_VIÉS_CRÍTICO_DE_ESCRITURA)>. Acesso em: 30 out. 2017.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Kátal**, Florianópolis, v. 10, n.esp, p. 37-45, 2007.

PAGANINE, J; MORO, R. D. A utilização dos princípios do direito da criança e do adolescente como mecanismos de efetivação dos direitos fundamentais. **Amicus Curiae**, Santa Catarina, v. 6, n. 6, p. 1-13, 2009.

RICHE, R. M. C. **As histórias de reis e o questionamento ideológico de Ruth Rocha**. Florianópolis, 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10119/9330>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ROCHA, R. ROTH, O. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. São Paulo: Circulo do Livro S.A. 1986.

ROCHA, R. **A família do Marcelo**. São Paulo: Salamandra, 2012.

\_\_\_\_\_. **No caminho de Alvinho tinha uma pedra**. São Paulo: Salamandra, 2010.

\_\_\_\_\_. **O coelhinho que não era de páscoa**. São Paulo: Salamandra, 2009.

\_\_\_\_\_. **O menino que aprendeu a ver**. São Paulo: Salamandra, 2013.

\_\_\_\_\_. **O menino que quase morreu afogado no lixo**. São Paulo: Salamandra, 2015.

\_\_\_\_\_. **O reizinho mandão**. São Paulo: Salamandra, 1978.

\_\_\_\_\_. **O rei que não sabia de nada**. São Paulo: Salamandra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha**. São Paulo: Salamandra, 2002.

SILVA, D. A. F; FERNANDES, T. S; BERTOLETTI, E. N. M. O Rei que não sabia de nada: Ruth Rocha e a Literatura Infantil. In: Simpósio Científico Cultural. VII., 2012, Paranaíba. **Anais...**, Paranaíba, 2012, p. 41-48. Disponível em: <<https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3429>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SITE RUTH ROCHA. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.ruthrocha.com.br/biografia>> Acesso em: 14 set. 2018.